



FILOSOFIA AFRICANA PARA DESCOLONIZAR OLHARES: PERSPECTIVAS PARA O ENSINO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

Adilbênia Freire Machado*

Resumo: O texto traz uma teia que tem como centro a Filosofia Africana; para se chegar a esse centro, no intento de trazer contribuições e perspectivas outras para “descolonizar olhares” e implicando perspectivas para o ensino das relações étnico-raciais, três conceitos fundamentais serão trabalhados: ancestralidade, encantamento e alteridade. Sabe-se que a filosofia, por séculos, fora usada como meio de colonização, justificando as barbáries cometidas em nome de uma “civilização”, usurpando conhecimentos, inferiorizando os latino-americanos e, principalmente, os negros africanos. Descolonizar a filosofia implica seu ressignificar, em que a filosofia aparece a serviço da ética e o indivíduo é o bem maior. Esse ressignificar implica valorizar o que somos, re-conhecer / desejar o Outro e ir ao alcance da alteridade. Não é possível uma filosofia sem cultura, sem oralidade, sem ancestralidade. A ancestralidade é a grande articuladora, tendo a ética como fundamental nessa articulação, é “a fonte de onde emergem os elementos fundamentais da tradição africana”. O encantamento é aquilo que dá condição de alguma coisa ter sentido de mudança política, de outras construções epistemológicas, é o sustentáculo, é o que desperta e impulsiona o agir, é o que dá sentido. É esse encantamento que nos qualifica no mundo, trazendo beleza ao pensar/fazer com qualidade, ao produzir conhecimento com/desde os sentidos. É desse olhar encantado, dessa ancestralidade encarnada, dessa alteridade desejada que se constroem filosofias que se realizam como descolonizadoras, como concebemos a filosofia africana.

Palavras-Chave: Filosofia Africana, Ancestralidade, Encantamento, Alteridade, Relações Étnico-raciais.

1º Momento

O presente texto traz uma teia¹ que tem como centro a Filosofia Africana. Para se chegar a esse centro, no intento de trazer contribuições e perspectivas outras para “descolonizar olhares” e para o ensino das relações étnico-raciais, trabalharemos três conceitos fundamentais e caros a esse pensamento: a ancestralidade, o encantamento e a alteridade.

* Mestre em Educação pela UFBA (Universidade Federal da Bahia), Bacharel e Licenciada em Filosofia pela UECE (Universidade Estadual do Ceará). Pesquisadora dos grupos de pesquisa Griô: Culturas Populares, Ancestralidade Africana e Educação e do Formacce em aberto: grupo de pesquisa em currículo e formação, ambos da Faculdade de Educação da UFBA.

¹ Costumo utilizar teia pensando na teia de ANANSE – a teia de aranha do povo adinkra, que significa sabedoria, esperteza, criatividade e complexidade da vida. É essa teia que ligará filosofia africana, educação, currículo, ancestralidade, alteridade.



Num primeiro momento, entendemos tais conceitos como o caminho, o fio condutor para se chegar à Filosofia Africana Contemporânea; no entanto, não há uma ordem, uma linearidade para se falar sobre cada um, pois eles convergem entre si, fundamentam-se, são circulares. Tal filosofia é permeada pela ancestralidade africana e tem como preocupação fundamental o indivíduo, a natureza e também a comunidade — uma não existe sem a outra, uma vez que a comunidade apresenta-se como:

o espírito, a luz-guia da tribo, é onde as pessoas se reúnem para realizar um objetivo específico, para ajudar os outros a realizarem seu propósito e para cuidar uma das outras. O objetivo da comunidade é assegurar que cada membro seja ouvido e consiga contribuir com os dons que trouxe ao mundo, da forma apropriada. Sem essa doação, a comunidade morre. E sem a comunidade, o indivíduo fica sem um espaço para contribuir. A comunidade é uma base na qual as pessoas vão compartilhar seus dons e recebem as dádivas dos outros (SOMÉ, 2007, p. 35).

Podemos trazer Henrique Cunha Júnior para dar continuidade a esse pensamento de Sobunfu Somé. Cunha Júnior (2010, p. 82) considera o pensamento filosófico africano como:

formas filosóficas de refletir e ensinar e aprender sobre as relações dos seres da natureza, do cosmo e da existência humana, são filosofias pragmáticas da solução dos problemas da vida na terra, profundamente ligados ao existir e compor o equilíbrio de forças da continuidade saudável destas existências, sempre na dinâmica dos conflitos e das possibilidades de serem postas em equilíbrio. A contradição e a negociação. Os problemas da existência física e espiritual fundamentam-se nos da existência de uma totalidade que governa as gerações e que permite a continuidade dinâmica da vida pela interferência humana. São formas de pensar, tomadas dos mitos, dos provérbios, dos compromissos sociais que formam uma ética social, refletem, inscrevem [...], registrado na oralidade os condicionantes da existência humana, da formação social, das relações de poder e justiça, da continuidade da vida. A natureza como respeito profundo a vida.

É assim que a alteridade age, nela “o diagrama da filosofia africana é construído no plano horizontal da solidariedade” (OLIVEIRA, 2006, p. 160). Esse plano se faz de modo circular, pois desse modo todos estão incluídos e interagindo uns com os outros, sabendo que o indivíduo e a natureza são cúmplices, pois “é o corpo da natureza que dará corpo à vida [...]. Ela existe como condição da existência” (OLIVEIRA, 2007, p. 220-221). São os princípios da ancestralidade, da diversidade, da integração e da tradição agindo e dimensionando tal filosofia.

A ancestralidade, a alteridade e o encantamento, aqui, delinearão a filosofia africana, ao mesmo tempo em que os princípios da diversidade, da integração e da tradição dançam, entrelaçam-se, permeando todos os espaços do pensamento africano e afro-brasileiro. No entanto, para chegarmos a esse ponto vamos para o segundo momento, em que pensamos sobre o que vem a ser essa filosofia “colonizada” e essa filosofia “descolonizada”.

2º Momento (Filosofia Colonizada / Filosofia Descolonizada)

Sabemos que a filosofia, por séculos, fora utilizada como meio de colonização, justificando as barbáries cometidas em nome de uma “civilização”, usando seu poder político e epistemológico para inferiorizar o “outro”, ou seja, aqueles que foram jogados para a “periferia” do pensamento e considerados “incapazes de filosofar”. A filosofia fora usada para justificar e enaltecer a colonização e o imperialismo, usurpando conhecimentos, inferiorizando os latino-americanos e, principalmente, os negros africanos, posteriormente, os afrodescendentes também. Emanuel Eze² (2001, p. 58) afirma que:

La expansión del colonialismo y del capitalismo son por tanto necesidades lógicas para la realización de la obviamente universal *idea* Europea, y al etiquetar a los territorios y pueblos no europeos como “atrasados” en la “industria”, éstos se convierten en presas legítimas para las actividades coloniales y colonialistas.

Essa afirmação corrobora com a concepção de que a dominação imperial e colonial da África (assim como do Brasil) foi, originariamente, um elemento chave para a construção, a formação econômica, política e cultural da Europa, desse modo, essa Europa que condena, identificando como uma raça sub-humana, invisibilizando (e ainda negando) o colonizado, necessita desses para colocar em prática seus projetos de conquistas de dominação. Pensamentos de autores como “Hume, Kant, Hegel y Marx se “originaron en – y son inteligibles únicamente en cuanto se comprenden como – un desarrollo orgánico dentro de los contextos sociohistóricos, más amplios, del colonialismo europeo y la Idea de etnocentrismo” (Idem, p. 55).

Hegel está entre os filósofos que mais negaram qualquer capacidade intelectual do africano; na sua obra “Filosofia da História”, declarou a África como um papel em branco, contra o qual se poderia comparar toda a razão. Classificou esse continente como o “país da infância³” onde o negro torna-se o representante da “natureza em seu estado mais selvagem”, num estado de total inocência, ou seja, o continente africano era, então, “una tierra baldía llena de “anarquía”, “fetichismo” y “canibalismo”, que espera que los soldados y misioneros europeos la conquisten y le impongan el “orden” y la “moralidad”” (Ibidem, p. 57). Kant irá ponderar que “os negros da África não possuem, por natureza, nenhum sentimento que se eleve acima do ridículo” (KANT *apud* FOÉ, 2011). Kant entende que a cor da pele evidencia a capacidade ou ausência de raciocínio (EZE, 2001). Em textos como “A leitura do Tratado

² Abeokuta – Nigéria.

³ Infância aqui é vista de um modo “negativizado”, como se a criança não tivesse capacidade de discernimento, de conhecer, ela faz o que mandam, repete o que ver, mas não pensa por si só.



sobre os caracteres nacionais” Hume fala sobre a raça negra ser inferior à raça branca, diz ainda que os negros ignoravam tudo aquilo que se referia à inteligência, citando a manufatura, a arte e a ciência. Objetivando validar a servidão, o Iluminismo determinou a inferioridade do negro, no intento de explicar essa falácia, o ganense Kwame Anthony Appiah afirma que:

Parte da explicação deve residir [...] no racismo: que reação mais natural a uma cultura europeia, que pretende – com Hume e Hegel – que o intelecto seja propriedade de homens de pele branca, que insistir que há algo de importante na esfera do intelecto que pertence aos negros (*apud* FRACCALVIERI, 2007, p. 54).

Desse modo, ao entendermos a filosofia como “amor à sabedoria, ao conhecimento”, como uso do saber em proveito do homem (como dizia Platão no seu *Eutidemo*), entende-se, então, que, onde houver seres humanos, haverá filosofia, pois ela é um produto do conhecimento, da cognição. Ou seja, a filosofia existe em todo e qualquer lugar, pois a capacidade de conhecer está intrínseca à existência humana; compreende-se, então, que, desse modo, ela é fruto das experiências, da vivência, assim, é da ordem do acontecimento, não justificando as muitas concepções de filósofos como Hegel, Hume, Kant, etc, ao considerarem os negros africanos como incapazes de raciocinarem, pois “se a historia não é feita pelos historiadores, mas pela sociedade, do mesmo modo, a elaboração científica não se deve unicamente aos cientistas, mas ao conjunto da coletividade” (MAZRUI, Ali; AJAYI, J.I., 2010, p. 761).

Ou seja, o fazer filosofia está na própria ação, no cotidiano, em não estar preso às normas, a conceitos e regras “impostas”, a uma universalidade que não contempla as singularidades e o contexto. Oliveira (2007), na sua “Semiótica do Encantamento”, atribui a fabricação de conceito como uma tarefa da filosofia, enquanto o encantar caracteriza-se como sua finalidade. Daí a produção de conceito ser um resultado em que a sua importância está no sentido que se dá a esse conceito, e não a ele em si – é a ação do ressignificar.⁴ Deleuze e Guattari (1996) afirmam que “não basta definir a filosofia pela criação de conceito se, nessa mesma circunstância, nos eximimos de fazê-lo. Descrever conceitos não é produzi-los”, pois “fazer conceito é questão de devir”, é criação contínua.

É justamente por ser da ordem do acontecimento, e este ser movimento, que a filosofia tem infinitas possibilidades e suas realizações são imprevisíveis. Objetivamos tê-la continuamente como um projeto de libertação e assim uma ética que prima pelo Outro, realizando-se como ética da sensibilidade, estética. Estando atrelado a um contexto, o ato de

⁴ Vide Machado (2012).



filosofar não pode estar deslocado do lugar de origem, da cultura, do contexto em que nos encontramos inseridos, ou seja, o filósofo não pode deslocar o seu lugar de fala filosófica do seu lugar de origem, é imprescindível pensar a filosofia desde o contexto em que se está inserido, defendendo que toda cultura tem a sua forma de pensar e produzir conhecimento.

É imperativo que se fale desde as experiências vivenciadas, uma vez que o conhecimento é um acontecimento empírico, daí nosso fazer filosofia africana, nosso pensar a educação desde o cotidiano, desde as danças, os mitos, os ritos, os contos, a música, a poesia, a capoeira angola, os Babalorixás, as Yalorixás, o/a griô, etc. Filosofar, educar ouvindo e citando mestres de capoeira, samba, maracatu, referindo-se aos heróis do cotidiano, aos mais velhos de cada lugar em meio aos renomados nomes da história da filosofia, da educação, ou seja, aqueles que se arrogaram o direito de falar, pensar e criar conceitos, conhecimento. Desse modo, a tarefa essencial dos “novos” tempos da filosofia, das filosofias de libertação “é captar a energia espiritual e intelectual nessas fontes inesgotáveis da ciência e da cultura para enfrentar eficazmente os desafios da nossa época” (FOÉ, 2011, p. 77).

Descolonizar a filosofia implica seu ressignificar, em que ela apareça a serviço da ética, em que o indivíduo seja o bem maior e não os interesses políticos de países e classes sociais que tentam obter todo o poder possível, seja ele econômico, social, político e/ou cultural, em que a “imposição” aparece como um dos sinônimos da filosofia. Esse ressignificar o olhar implica valorizar o que somos, implica reconhecer o Outro e, assim, ir de alcance à alteridade, pois:

para nos aceitarmos e para que o “outro” seja fonte de conhecimento e de vida, não um alvo de desprezo e de medo, válvula de escape para culpas e desequilíbrios históricos, carecemos nos soltar de modelos etnocêntricos que inundam nossa formação escolar, nossa exposição midiática, nosso dia-a-dia nas ruas e instituições (ROSA, 2009, p. 177).

Essa alteridade implicada no reconhecimento e na valorização da cultura nos remete à ancestralidade, sabendo-se que “a cultura é o movimento da ancestralidade” (OLIVEIRA, 2007, p. 243), e que “[...] o conceito de cultura sofre alterações mui significativas quando pensado desde a matriz africana, reivindicando tanto a universalidade cara aos conceitos, quanto a singularidade válida para a experiência” (Idem, p. 245). Reconhecendo e desejando a diversidade sem negar a singularidade do indivíduo, assim como das diferentes culturas, é o desejo pelo Outro que impera, são pensamentos como esses que tecem o ensino para as relações étnico-raciais, pois seu intento encontra-se na formação de seres humanos comprometidos com outra realidade social, na qual todos tenham os mesmos direitos sociais,



econômicos, políticos, culturais, onde todos tenham as mesmas oportunidades para a conquista do bem-viver⁵.

3º Momento (Filosofia Africana)

A filosofia africana contemporânea tem a cultura como eixo significante na sua constituição, é fruto da experiência, é aquela filosofia feita não apenas por filósofos africanos, mas também por aqueles que estão implicados em direcionar sua atenção aos problemas dos africanos, sejam os nascidos na África, sejam aqueles que são frutos das diásporas, ou seja, aqueles nascidos na África ou aqueles que têm a África nascida em si, como nós, afro-brasileiros. É sabido que compreender a história da África e a história da África no Brasil é preponderante para conhecermos e reconhecermos nossa realidade, nossa história. Desse modo, essa filosofia intenta resolver tais problemas desde suas concepções de vida, suas culturas, credences, mitos, poesias, nosso modo de pensar, refletir, sentir, conhecer, aprender / ensinar...

A preocupação é com o indivíduo, com o Outro, esse outro é fundamental... E o outro é o todo, partindo-se da própria natureza, pois, como já fora dito, o homem não existe sem ela; desse modo, essa filosofia, ao partir de si e do seu contexto, caracteriza-se por ser intrinsecamente ligada à cultura. As análises críticas do pensamento africano que irá delinear tal filosofia aparecem como um modo de pensar distinto do europeu, não inferior, e ainda com algumas influências de pensamento desse europeu, pois muitos filósofos africanos têm uma formação filosófica europeia, além de que a colonização deixou muitas marcas. Eze (2001, p. 63-64) diz que “al tener a la emigración y la inestabilidad como elementos crónicos de la moderna historia de África, la filosofía debe hallar modos de dar sentido a (y hablar de) las multiplicidades y los pluralismos de estas experiencias ‘africanas’”. Em nosso caso, como afro-brasileiros que somos, falamos das experiências frutos da diáspora, experiências essas que são perpetuadas e atualizadas por meio da ancestralidade.

⁵ Bem-Viver é um conceito filosófico oriundo da Filosofia da Libertação na década de 90. Segundo Euclides Mance (Revista Camponesa da AACCRN, 2013) “quando se trata da libertação e não apenas da liberdade, afirma-se que é necessário assegurar a todas as pessoas as condições econômicas, ecológicas, políticas, educativas, informativas e éticas para realizar as suas liberdades, tanto públicas quanto privadas”. O autor concebe que expandir as liberdades implica realização do bem-viver de cada um e de todos, é então, “uma categoria filosófica muito importante para criticar toda forma de dominação e toda forma de libertação” (*Idem*).



3.1 Mas, vamos ao início:

O fundador da Egíptologia africana, Cheikh Anta Diop⁶, foi aquele que dedicou maior tempo a essa questão fundamental da história e da filosofia, sua pesquisa foi continuada pelo seu discípulo Théophile Obenga⁷, que demonstrou em sua obra *L’Egypte, La Grèce ET l’Ecole d’Alexandrie* (O Egito, a Grécia e a Escola de Alexandria) que muitos filósofos e homens da ciência grega estiverem no Egito para serem instruídos pelos sacerdotes dos *Templos da Vida*, nas diversas escolas do pensamento filosófico egípcio-faraônico, demonstrou ainda a influência do pensamento egípcio nas reflexões de muitos filósofos e pensadores gregos. Podemos citar alguns nomes que beberam das fontes egípcias, tais como: Tales de Mileto, Platão, Pitágoras, Sólon, Anaximandro, Anaxímenes, Demócrito, Anaxágoras, Aristóteles e tantos outros. Não se pode negar a dívida da Filosofia Grega com o Egito Antigo, ou seja, o Egito Africano.

A obra de Cheikh Anta Diop irá reestabelecer, por meio de rigorosa pesquisa científica, muitas verdades negadas, apresentando-se como referência básica do resgate do legado egípcio. Diop afirma que “o Egito Antigo foi o berço científico de onde emergiram, muito tempo depois, as contribuições científicas dos gregos” (*apud* MOORE, 2007, p. 309).

Ou seja, ao não fazer mistério acerca das suas fontes e do lugar de formação filosófica, é que alguns filósofos e historiadores gregos confirmam a tese da origem egípcia da filosofia, das ciências e das artes em geral. Nkogo (Guiné Equatorial) em seu livro *Síntesis Sistemática de la filosofía africana* afirma que:

fueron los griegos, los primeros europeos, quienes en la antigüedad descubrieron a África, via Egipto, como cuna de la sabiduría. Desde aquella época hasta hoy, sólo un número muy reducido de especialistas en la cultura griega se han atrevido a estudiar con profundidad las excelentes relaciones que existían entre el mundo clásico griego y el mundo antiguo africano, para determinar cuál fuera la aportación de África al saber universal. (2006, p. 36).

Segundo EZE (2001, p. 55) a obra *África: história de um continente* e a obra *El genio africano* de Basil Davidson:

⁶ Cheikh Anta Diop nasceu no Senegal, Diourbel, em 29 de dezembro de 1923 e faleceu em 7 de fevereiro de 1986 em seu país de origem. É considerado um dos mais proeminentes historiadores africanos do período de luta anticolonial.

⁷ Théophile Obenga nasceu em 1936 em Brazzaville na África Equatorial Francesa, hoje é a República do Congo. É um defensor ativo do pan-africanismo. Doutor em Letras, Artes e Humanidades, trabalhou num programa que visava a escrita da História Geral da África.



há señalado que los más antiguos testimonios de encuentro entre los reinos europeos y africanos, a comienzos del siglo XV, se revelan como informes notables de tratos entre iguales (el intercambio de consejeros diplomáticos era una rutina), y como estuasiastas relatos acerca de las prósperas y vibrantes naciones de Bini, Dahomey, Ashanti, etc., cuyos poderes de organización e influencia eran continuamente comparados, de un modo favorable, com los del pontificado romano.

Ou seja, são os próprios estudos sobre a origem da filosofia que provam sua origem na África Negra. No entanto, o tema da filosofia africana contemporânea tem sido recente nas investigações africanas. Há pouco mais de cinquenta anos, começou-se a discutir sobre a filosofia africana, tendo-a como tema acadêmico de investigação, debate e aprendizagem, ou seja, “o início do debate filosófico africano moderno equipara-se para muitos à sua entrada como disciplina acadêmica nas universidades em África” (SEILER, 2009, p. 22).

Desse modo, falar sobre tal filosofia levanta enormes problemas que inquietam não apenas o mundo intelectual africano, mas também e, principalmente, alguns círculos intelectuais europeus, sendo, inclusive, ignorado por muitos. Pergunta-se se há ou não uma filosofia especificamente africana, uma filosofia própria, que parta da sua cultura ou se essa seria uma ideia acerca da filosofia ocidental aplicada noutro mundo cultural. Para Tshiamalenga, a filosofia africana contemporânea encontra-se constituída por:

los esquemas hechos por los filósofos africanos y africanistas, inspirados en métodos científicos, ya sea para ‘restituir’ un pensamiento africano tradicional original, ordenado por la fidelidad a los valores ancestrales y por los imperativos de la liberación, ya sea para criticar, de forma constructiva, las investigaciones africanas en curso (*apud* NKOGO, 2006, p. 42).

Paulin Hountondji⁸ considera não ser surpreendente que até recentemente o Ocidente tenha se recusado a aceitar que os africanos também “produzam” filosofia, isso se escolhermos compreender a filosofia como um conhecimento cientificamente organizado. A sociedade que “domina” o conhecimento julga que as civilizações africanas com base em culturas orais não têm a capacidade do exercício intelectual que leva a uma análise rigorosa e pontos de vista sobre o desenvolvimento moral, físico, psicológico e ético, enfim, tais civilizações não poderiam dominar os princípios de conduta do “bom viver”. Esse preconceito da sociedade “dominadora” do conhecimento se dá na medida em que julgam os negros incapazes de pensar de maneira lógica e científica, afirmando, assim, a ideia de superioridade intelectual europeia. Consideramos, então, que:

⁸ Paulin J. Hountondji nasceu na República do Benin em 1942, é filósofo e político. Sua filosofia versa em torno da crítica à natureza da Filosofia Africana, seu principal alvo é a Etnofilosofia de Placide Tempels e Alexis Kagame.



este processo enfraquece a criatividade vinda da própria experiência de outros lugares que não aparecem como nucleares para a produção do conhecimento e da filosofia, além de invisibilizar a rica e multifacetada produção de pensamento filosófico fora do citado eixo. Uma filosofia descolonizada estaria comprometida em pensar não apenas o local, mas desde o local, pensando estratégias que, atentas ao modo eurocêntrico de produzir conhecimento e filosofia, teriam as filosofias produzidas na Europa e nos EUA como apenas algumas entre outras formas de produzir a filosofia, o que ampliaria o aspecto da discussão sobre modos de produção filosófica (FLOR DO NASCIMENTO, 2012, p. 80).

Enquanto o beniense Hountondji, num primeiro momento, afirma que “a filosofia africana não devia ser concebida como uma mundivisão implícita partilhada inconscientemente por todos africanos. Filosofia Africana não era senão uma filosofia feita por africanos” (CASTIANO, 2010, p. 123), ou seja, considerará que a filosofia africana pode ser resumida numa série de textos escritos por africanos e qualificados como filosóficos pelos próprios autores filosóficos, compreendendo num momento posterior, que seria a sua segunda fase, a filosofia africana também como aquela constituída por textos orais (Idem). Já o ganhês Kwame Gyekye⁹, desde o princípio, rejeitará a ideia de que uma filosofia africana consiste meramente do trabalho dos africanos em escrever sobre filosofia, que seria uma história da filosofia. Gyekye irá argumentar que essa filosofia surge a partir do momento em que o africano pensa em si, na sua cultura, no seu contexto, proporcionando uma filosofia ligada à cultura. São as análises críticas específicas do pensamento tradicional africano que irão proporcionar essa filosofia distintamente africana, uma forma distinta do modo europeu de “produzir” seu conhecimento, de “pensar” a filosofia, uma forma africana onde a oralidade apresenta-se como uma grande força para essa filosofia, Nkogo (2006, p. 41) considera que:

la expresión característica de la filosofía africana es que ella, además de la escritura, conserva una vieja, milenaria tradición oral más que otras culturas, de tal manera que, “En África, cuando muere un viejo es una biblioteca que se quema”, como há asegurado inteligentemente nuestro filósofo tradicionalista Amadou Hampaté Bâ.

Não é possível uma filosofia sem cultura, sem oralidade, sem ancestralidade. Essa filosofia, segundo Oliveira (2006), encontra-se baseada nos princípios de ancestralidade, diversidade, integração e tradição. A ancestralidade é a grande articuladora, tendo a ética como fundamental nessa articulação, pois é “a fonte de onde emergem os elementos fundamentais da tradição africana” (Idem, p. 165), já a diversidade é aquele princípio que valoriza as singularidades à medida que respeita a diversidade étnica, cultural e política. Diversidade essa que não se leva ao isolamento por conta do princípio de integração que tem na inclusão o seu guia, fazendo com que as singularidades sejam submetidas à ética que prima

⁹ Kwame Gyekye (nascido em 1939) é um filósofo importante no desenvolvimento da moderna filosofia africana.



pelo bem-estar da comunidade, já a tradição é a teia que dá sustentação a tais princípios, é dinâmica e se molda aos novos tempos. Ancestralidade é um modo de estar no mundo, assim também entendo o Filosofar Africano e afrodescendente, ou seja, filosofias implicadas nesse estar no mundo, estar com o outro indivíduo, a natureza, consigo mesmo. Compreendemos essas filosofias como:

O conhecimento da realidade e a imaginação reflexiva sobre as compreensões das consequências das relações instituídas entre os seres da natureza, animados e inanimados (nas sociedades africanas tudo tem vida), constitui parte das filosofias africanas vindas das sociedades ligadas às questões da ancestralidade, da identidade territorial, da transmissão dos conhecimentos pelas palavras faladas pelos seres humanos e pelos tambores. Formas de filosofar coletivas de conhecimento geral, produzindo valores éticos que regulam as vidas cotidianas das sociedades africanas, ditas tradicionais (tradição no sentido da repetição no tempo com modificações e inovações, mas sempre referidas a uma história do passado e transmitida por um ritual social normativo) (CUNHA JÚNIOR, 2010, p. 81/82).

Percebemos a relação direta do pensamento filosófico africano com o contexto no qual se está inserido, na compreensão das relações sociais, étnico-raciais, culturais, políticas e econômicas, ou seja, as filosofias africanas estão diretamente ligadas às diversas culturas, tendo a alteridade, a relação com a natureza, o respeito aos antepassados, ou seja, à tradição e à ancestralidade como características que dão coesão e assim construímos o texto falando de uma “filosofia africana”, no intento de dar certa unidade ao pensamento filosófico daquele continente.

3.2 Uma pequena história sobre como “tudo começou”

Essa filosofia nasceu com o nome de “etnofilosofia”, consistindo no intento de elaborar sistematicamente uma filosofia através do uso das categorias etnológicas tradicionais, marcando um ponto do início da filosofia africana, proporcionando o nascimento e o desenvolvimento do pensar africano consciente de si.

Um discurso crítico que surge a partir dos anos de 1950, especialmente na década de 1960 e 1970, em que a preocupação que dominava a reflexão da maior parte dos filósofos africanos era elaborar essa filosofia própria, partindo de uma real adesão ao concreto, enraizada dentro de seu contexto histórico e social que passava por modificações profundas com o processo de emancipação da escravatura e descolonização que vários povos africanos atravessavam os diferentes processos de integração social dos negros nos países considerados



do novo mundo, enfim, transformações políticas, econômicas e sociais¹⁰. Essa filosofia terá, então, o papel de incentivar as avaliações dos engajamentos éticos e existenciais.

A elaboração de uma filosofia africana girava, então, em torno da análise das condições indispensáveis para a manifestação de uma “verdadeira” filosofia africana e em torno das práticas reflexivas acerca das transformações culturais e das questões políticas. Ramose (2011, p. 13), diz que “a história da filosofia Africana deve reconhecer a necessidade de uma reconstrução da história da África. Deve reconhecer a filosofia Africana como um problema e um projeto tanto científicos quanto históricos”.

Não podemos considerar qualquer texto e/ou pensamento africano como filosófico, assim como não se pode reduzi-lo à sua religiosidade ou tradição cultural e, menos ainda, a uma filosofia que se inspira nas formas da metodologia filosófica europeia. Pretendemos “libertar” a filosofia africana, assim como a história africana, da influência proveniente da colonização e, desse modo, desenvolver um pensamento interior e universal de potencial intelectual próprio.

Metodologicamente, resumiremos e estruturaremos os objetivos da filosofia africana da seguinte forma: a) “Significar a existência no mundo”, uma conscientização que leva o indivíduo a ser promovedor, iniciador de novas ideias e, assim, promotor de perspectivas de outro futuro. As exigências do pensar filosófico culminaram com as independências e novas formas de governar com o fim da colonização. Isso se possibilitou quando a filosofia reivindicou seu lugar. a) “Formar homens íntegros” que agem em comunhão com a sociedade em que vivem e pensam-se no mundo respeitando a diversidade cultural, o universo, a natureza. Ou seja, homens que pensam e agem para a mudança de suas condições sociais, econômicas e políticas. c) Pensar a filosofia como causadora de ideias e ideais libertadores, estimulando o homem a transformar a sociedade num lugar melhor, abrangendo o contexto social, econômico e cultural, sendo protagonista de uma mudança eficaz, ou seja, “a filosofia aparece como um convite à emancipação.” d) Suscitar que “os africanos podem fazer uma filosofia de ponta”, capaz de formular correntes de pensamentos tão grandiosas quanto aquelas que provocaram mudanças na história da filosofia.

Desse modo, a filosofia africana como campo de investigação, segundo Emanuel Eze (2001, p. 61-62),

¹⁰ Nas décadas de cinquenta, sessenta e setenta, vários países africanos conquistaram suas independências. Em Mance (1995) podemos ver essa relação.



tiene así sus raíces en el esfuerzo de los pensadores africanos por combatir la explotación económica y política y por examinar, interrogar y cuestionar las identidades que les fueron impuestas por los europeos. Las afirmaciones y las refutaciones, las justificaciones y las alienaciones que caracterizan esta protesta histórica y conceptual, marcan indeleblemente la disciplina de la filosofía africana.

Essa filosofia não está, então, separada das questões sociais, políticas, econômicas e históricas, além da cultural, desse modo, a crítica acerca dos dados da criação africana das ciências humanas, assim como a literatura, a antropologia, a história, dentre outras, alimentam essa filosofia que ao mesmo tempo em que dá continuidade às tradições, também proporciona mudanças de perspectivas. Afinal, tudo é movimento, e essa é uma filosofia do acontecimento diretamente ligada à práxis, aos movimentos das diversas existências, pois, segundo a Filosofia Africana chamada UBUNTU nós “temos a existência definida pela existência de outras existências. Eu, nós, existimos porque você e os outros existem” (CUNHA JÚNIOR, 2010, p. 81), ou seja, viver é uma ação colaborativa, esse é um dos princípios do ensino para as relações étnico-raciais, posto que cada um parte de um todo, pois fazemos parte de uma mesma teia, um mesmo universo e, assim, faz-se necessário a educação e a filosofia como aliadas para o bem-viver em meio à diversidade cultural e étnica que nos forma.

4º Momento: Breve Panorama da Filosofia Africana Contemporânea¹¹

No intento de responder aos questionamentos acerca da existência, a universalidade (filosofia) e sua particularidade (africana), demarcamos algumas correntes¹² que podem ser consideradas núcleos da Filosofia Africana Contemporânea. Tais correntes são: Etnofilosofia, Sagacidade Filosófica (ou filosofia da sagacidade, ou filosofia dos sábios), Filosofia Nacionalista-Ideológica ou Filosofia Política e Filosofia Profissional ou acadêmica. Em classificações mais recentes, foram incluídas a filosofia literária/artística ou poética e Hermenêutica, que seriam correntes, no nosso modo de ver, culturalistas. Também é

¹¹ Vide MACHADO, 2012. Lá apresentamos mais informações sobre o panorama.

¹² Henry Odera Oruka, nascido em 1944, é um queniano que distinguiu o que ele chama de 4 tendências da Filosofia Africana Moderna: Etnofilosofia, Sagacidade Filosófica, Filosofia Nacionalista Ideológica e Filosofia Profissional. Num momento posterior, Oruka acrescentou duas outras categorias, a Filosofia Literária / Artística (trabalhos literários como os de Wole Soyinka, Chinua Achebe, dentre outros) e a Filosofia Hermenêutica, que seria a análise das línguas africanas com o objetivo de encontrar conteúdos filosóficos. A necessidade de uma filosofia profissional dava-se devido ao fato de que os sábios Africanos não usavam a razão reflexiva da mesma forma que os antigos filósofos da Grécia, Índia e China. Além disso, concebia que a filosofia é impossível numa tradição puramente oral, e que os tradicionais sistemas de crença desencorajavam o pensamento individual em favor do consenso.



importante evidenciar que, dentro dessas correntes particulares, há outras correntes com suas singularidades.

4.1 Etnofilosofia

O tema fundamental da Etnofilosofia é a relação da filosofia com a cultura. Apresenta-se como uma abordagem que vai considerar a sabedoria coletiva como o lugar ontológico de hipóteses geral e a visão de mundo de comunidades ou grupos étnicos africanos que tem como código os pensamentos que são identificados como filosóficos. Intenta, partindo das categorias próprias da cosmovisão africana, demonstrar a racionalidade existente nas práticas rituais, nos mitos, nos contos, nos provérbios africanos, em que a metafísica do homem africano faz-se fundamental. Essa corrente deu “início” à Filosofia Africana Contemporânea com a obra “La Philosophie Bantoue” de 1945 do padre belga Placide Tempels.

4.1.1 Pontos importantíssimos da obra de Tempels

O Objetivo da obra de Tempels era ser um manual, para os colonizadores, da Filosofia Africana; assim, esse manual tinha o intento de fazer com que os colonizadores entendessem as visões de mundo, as crenças, as singularidades das culturas africanas para que os missionários com seus projetos de civilização pudessem obter êxito nas suas ações e assim introjetar a fé e a razão nesses homens. Porém, a obra acabou por provar a existência de uma filosofia africana, de uma razão, de uma humanidade negada. Provou a existência de uma ontologia, assim como de uma ética, de modelos políticos, econômicos e uma cultura forte. Eze (2001, p. 60-61) conclui que:

El significado histórico volvánico de la obra de Tempels no está situado necesariamente en sus intenciones. Está en outra parte: en el título del libro. Específicamente en el uso explícito que hace el autor del término “filosofía” para caracterizar un producto intelectual en relación con los africanos. [...] y puesto que la filosofía, para la mente occidental, es el título honorífico que simboliza el más alto ejercicio de la facultad de la razón, el título del libro venía ser el equivalente de una admisión de la existencia de una filosofía africana. Tal noción contradecía todo el edificio intelectual de la esclavitud y del colonialismo, que había sido erigido precisamente sobre la negación de esta posibilidad.

Literalmente o “tiro saiu pela culatra” e o manual para facilitar a ação dos colonizadores acabou “derrumbado el andamio ideológico que respaldaba y sostenía el racismo y el colonialismo, y se convirtió para los africanos en un manual para la rebelión política e econômica (Idem, p. 61).



Nessa corrente temos, ainda, nomes como Alexis Kagame¹³, Léopold Sédar Senghor¹⁴, dentre outros.

4.2 Filosofia da Sagacidade ou Sagacidade Filosófica

A Filosofia da Sagacidade ou Sagacidade Filosófica trata dos “sábios filosóficos¹⁵”, é o sistema de pensamento que se encontra baseado na sabedoria e nas tradições dos povos, sendo, basicamente, o reflexo de uma pessoa que é reconhecida como “sábio”, pensador dentro da comunidade. Ele é uma pessoa conhecedora dos saberes do seu povo, um pensador ou pensadora crítico e racional. O criador dessa corrente, o filósofo queniano Henry Odera Oruka (1994, p. 6-7) considera que “a filosofia dos sábios”

consiste en los pensamientos expresados por hombres y mujeres sabios en cualquier comunidad dada. Los pensamientos pueden ser expresados por escrito o como máximas no escritas y argumentos asociados a algún(os) individuo(s) sabio(s). La filosofía-de-los-sabios es una manera de pensar y explicar el mundo, la cual fluctúa entre la *sabiduría popular* (máximas comunales bien conocidas, aforismos y verdades generales de sentido común) y la *sabiduría didáctica*, una sabiduría expuesta y un pensamiento racionalizado de algunos individuos dados dentro de una comunidad.

Ou seja, os filósofos da sagacidade estão convictos de que o estudo da Filosofia Africana não versa no estudo de obras, mas nos sábios, ou seja, homens e mulheres das comunidades. Essa corrente objetiva mostrar que a alfabetização não é uma condição indispensável para a reflexão e exposição filosófica, a importância maior é a pertença cultural, a cultura popular, os conhecimentos e as experiências dos tradicionais. Aqui a oralidade é fundamental. O próprio Oruka aparece como maior representante dessa corrente.

4.3 Filosofia Nacionalista/Ideológica

A Filosofia Nacionalista/Ideológica, também identificada como Filosofia Política, é aquela corrente com interesses e objetivos de responder aos problemas referentes ao colonialismo, às independências, ao fim da escravatura e à exploração do homem africano. É a negação da negação, a recusa dos preconceitos ideológicos consolidados no processo

¹³ Padre da Ruanda Belga, filósofo, poeta, teólogo e professor de história.

¹⁴ Senegalês, poeta, estadista, pensador, lutou para tornar compreendidos os fundamentos ontológicos do pensamento africano. Grande influenciador do pensamento contemporâneo africano devido ao seu percurso estudantil e profissional, considerado fundador do Socialismo Africano e da Civilização do Universal, além do Movimento da Negritude.

¹⁵No artigo intitulado “Las preguntas básicas sobre la filosofía-de-los sábios en Africa”, 1994, Oruka explicita como uma pessoa é considerada um sábio/sábia filosófico.

histórico, a busca da afirmação do indivíduo africano, desconstruindo a “desvalorização de si” internalizada pelo colonizador. É a afirmação da cultura africana, da personalidade africana dentro de sua grande diversidade cultural. É o reconhecimento de que alguns políticos africanos tratavam de questões filosóficas mesmo quando engajados em projetos emancipativos e de reconstrução da nação. É fundamentalmente uma filosofia sociopolítica. Aqui encontramos os movimentos de negritude, do pan-africanismo, do socialismo africano, dentre outros. Temos nomes como Leopold Senghor, Kwame Nkrumah¹⁶, Julius Nyerere¹⁷ e Dubois¹⁸ como representantes dessa corrente.

4.4 Filosofia Profissional

Também é identificada como a Corrente Crítica da Filosofia Africana, a Filosofia Profissional é a categoria que rejeita um modo particular de filosofar, pois concebe a filosofia como princípio universal – não pode ser um pensamento particular, comunitário, mítico. Desse modo, é uma categoria que inclui aqueles que foram “treinados” dentro da filosofia ocidental, nas universidades ocidentais; assim, é a relação da filosofia com a academia. Encontramos, nessa corrente, Kwasi Wiredu¹⁹, Paulin Hountondji, Eboussi Boulaga²⁰, Marcien Towa²¹, Oruka Odera e Peter Bodunrin.

4.5 Filosofia Literária/Artística

A Filosofia Literária/Artística é representada por aqueles que refletiram questões filosóficas em ensaios e/ou obras de ficção. Temos Wole Soyinka²², Chinua Achebe²³, Oko P’Bitek²⁴, dentre outros.

¹⁶ Kwame Nkrumah: Filósofo, político e um dos fundadores do Pan-Africanismo. Foi um dos líderes políticos da independência do Gana.

¹⁷ Julius Nyerere: Foi presidente da Tanganyika, desde a independência deste território em 1962 até retirar-se da política em 1985. Em 1964, uniu Tanganyica e Zanzibar, criando assim a denominada República Unida da Tanzânia. Manteve-se no poder, sendo sucessivamente reeleito, durante 20 anos. Em 1985/86 foi-lhe atribuído o Prêmio Lênin da Paz.

¹⁸ Dubois: Nasceu nos EUA em 1868, morreu em 1963. Historiador, sociólogo, escritor, editor e ativista político. Foi um dos intelectuais mais talentosos e influentes de seu tempo. Sua vida foi dedicada à luta pela justiça racial. Considerado “pai do pan-africanismo político”, tem um famoso livro intitulado “Almas da Gente Negra”.

¹⁹ Kwasi Wiredu: Nasceu em Gana em 1931. Filósofo que se opõe as outras correntes por considerar que todas as culturas têm suas crenças e visões de mundos, mas estas devem ser diferenciadas da Filosofia. Não afirma que a cultura popular não possa desempenhar um papel filosófico, mas que uma verdadeira filosofia deve partir de um pensamento de análise crítica e argumentação rigorosa.

²⁰ Eboussi Boulaga: Nasceu em Camarões em 1934. Escreveu sobre questões políticas (artigos, folhetos, guias de eleições, e os livros) e fez observações sobre eleições (Camarões, República Centro).

²¹ Marcien Towa: Filósofo camaronês. Faz uma crítica ferrenha à Etnofilosofia, concebendo-a como um subconjunto da Etnologia Europeia.

²² Soyinka: Escritor nigeriano, nascido em 1954. Autor de mais de vinte obras e considerado um dos mais refinados dramaturgos contemporâneos. Primeiro africano e escritor negro laureado com o Prêmio Nobel em 1986. Grande parte das suas obras reflete a vivência das tradições, assume uma perspectiva cultural ampla e o



4.6 Filosofia Hermenêutica

A Filosofia Hermenêutica caracteriza-se como aquela que faz análise das línguas africanas em torno da busca de conteúdos filosóficos. Uma filosofia de interpretação do contexto africano segue um modelo universal, mas parte do intrínseco do ser africano, tornando-o objeto do seu pensamento, tentando responder questionamentos sobre o ser africano no mundo e sua ligação com o divino, com o outro e consigo mesmo. Destacamos nomes como Kwame Gyekye, Tshiamalenga²⁵, Sodipo Jo, dentre outros.

5 (In)concluindo o movimento dos momentos: Filosofia da alteridade, do encantamento e da ancestralidade pra descolonizar olhares ou educação para as relações étnico-raciais

*Beni ti ri ola ori be nimu babalawo difa ororun.
Como hoje estava, amanhã não será o mesmo.*²⁶

A Filosofia africana, elaborada a partir dos princípios e valores que regem a vida do africano, dentro da sua imensa diversidade, abre-se para as possibilidades, sai da totalidade para pensar a alteridade, enxerga a diversidade em vez da identidade, ainda que não a negue e até a deseje; tal identidade não exclui, mas deseja a diversidade existente na unidade, é atitude e não uma metafísica, é corpo inteiro e não apenas razão. Esta filosofia prima por uma ética de inclusão, é ciência da sensibilidade, é estética, pensa epistemologias para a vida e mundos melhores, busca conhecimentos propositivos de uma mudança consistente; por fim, trabalha com epistemologias para a práxis.

Partimos do pensamento da filosofia como produção, além de ressignificação de conceitos, mudança de paradigmas, em que o contexto e o tempo histórico são fundamentais, lançando uma filosofia local que, na medida em que é local se faz universal, não sendo uma filosofia de um lugar, mas desde um lugar. Nessa perspectiva, Oliveira (2006, p. 164) aponta que:

drama da existência humana. Concebe que qualquer cidadão tem que estar compromissado com os valores da liberdade, verdade e justiça.

²³ Chinua Achebe: Filósofo ganês, nascido em 1939. Pensa numa filosofia ligada à cultura.

²⁴ Oko p'Bitek: poeta ugandense, antropólogo e crítico social. Foi uma das vozes mais vigorosas e originais do Leste Africano e da poesia do século XX.

²⁵ Tshiamalenga Ntumba: Nasceu em 1932 no Zaire. Teólogo e Filósofo que deixou sua marca na busca filosófica e teológica na África, especialmente na república democrática do Congo.

²⁶ Mãe Stella de Oxóssi



a filosofia não paira além nem aquém da história. Ela é um seu produto. Como tal, ela é definida nos contornos do solo de onde emerge. Se filosofia é universal enquanto saber autônomo e produtora de conceitos, ela é também contextual, visto que os significados de seus conceitos são determinados de acordo com a lógica de lugar próprio. Isso não impede, no entanto, que os produtos singularizados pelo solo cultural de onde emerge tenha validade e pretensões universais. A fórmula já fora dada: quanto mais regional, mais universal. Assim, pautamos a filosofia africana desde suas estruturas sociais e, desde esse território político, econômico e cultural.

Essas estruturas da filosofia africana, que é universal à medida que é local, apresentam-se como uma filosofia do acontecimento e, assim, é movimento – e ancestralidade é movimento, movimento é encantamento. Ancestralidade envolve encantamento, e este é o fundamento e o não fundamento, é o sustentáculo, é a condição para que o acontecimento se realize. Aquela é a base de tudo, é o sentido da existência, da cosmovisão africana.

O encantamento é aquilo que dá condição de alguma coisa ser sentido de mudança política e ser perspectiva de outras construções epistemológicas, é o sustentáculo – não é objeto de estudo, é quem desperta e impulsiona o agir, é o que dá sentido. É esse encantamento que nos qualifica no mundo, trazendo beleza no pensar/fazer com qualidade, no produzir conhecimento com/desde os sentidos. É sem começo e sem fim, é um movimento constante, e movimento é conhecimento, é vida, é uma ação de ancestralidade, como já fora dito. Assim, o encantamento é da ordem do acontecimento, é papel da ancestralidade; esta é a forma, e aquele é o conteúdo. Aquela é produtor de sentidos, criador de mundos. Ao falar do olhar encantado, Oliveira (2006, p. 162) nos diz que:

O olhar encantado não cria o mundo das coisas. O mundo das coisas é o já dado. O Olhar encantado re-cria o mundo. É uma matriz de diversidade dos mundos. Ele não inventa uma ficção. Ele constrói mundos. É que cada olhar constrói seu mundo. Mas isso não é aleatório. Isso não se dá no nada. Dá-se no interior da forma cultural. O encantamento é uma atitude diante do mundo. É uma das formas culturais, e talvez uma das mais importantes, dos descendentes de africanos e indígenas. O encantamento é uma atitude frente à vida.

É do encantamento, dessa atitude frente à vida²⁷, que nasce a Filosofia Africana, uma filosofia tradicional que traz novidade, posto que aprender as novidades dos antigos é sempre uma sabedoria atualizada – é filosofia que se abre para todas as possibilidades, é filosofia do sentido, da alteridade, da diversidade, pois encara a diferença como atitude. É filosofia que cria mundos e encanta, ressignifica e dá sentido, é desterritorializada e caracteriza-se

²⁷ Essa atitude frente à vida que delinea a ética e a estética africana.



fundamentalmente por ser uma ética implicada no cuidado de si e do outro, por ser uma filosofia da alteridade, por ser uma epistemologia que prima pelas relações étnico-raciais.

É desse olhar encantado, dessa ancestralidade encarnada, dessa alteridade desejada que se constrói filosofias que se desejam descolonizadoras, que desejam um homem livre e dono de si, um si que só existe com o outro. Filosofias de práxis, filosofias para a práxis. Movimentos de circularidades, movimentos inclusivos e de desejo pelo bem estar do Outro.

A educação para as relações étnico-raciais imprime em si o educar desde os diversos conhecimentos, oriundos das diversas culturas e etnias, além da promoção das epistemologias oriundas do reconhecimento e valorização daquelas culturas que foram colocadas à margem, que foram negadas, como é o caso dos africanos e dos afrodescendentes. Desse modo, nesse texto, escolhemos pensar uma educação para as relações étnico-raciais tendo a filosofia africana tecida desde a ancestralidade; o encantamento e a alteridade como fio condutor dessa construção/formação, ou seja, uma educação para as relações étnico-raciais que deseja resultar-se em formação/construção de uma consciência política e histórica da e para a diversidade, fortalecendo as identidades²⁸, as singularidades, rompendo com imagens negativas em relação à população negra. É uma educação para a sensibilidade e desejo pelo outro, este que também me forma.

*Ancestralidade é como o vento:
leve, livre e solto, mas tem direção.
[...] é o vento assoviando nas folhas,
as gotículas de chuva umedecendo a grama,
o pio da coruja na mata.²⁹*

FILOSOFÍA AFRICANA PARA DESCOLONIZAR MIRADAS: PERSPECTIVAS PARA LA ENSEÑANZA DE LAS RELACIONES ÉTNICO-RACIALES

Resumen: El texto ofrece una teia que tiene en su centro la filosofía africana, para llegar a este centro, en un intento de traer otras perspectivas y contribuciones a "descolonizar miradas", implicando perspectivas de la enseñanza de las relaciones étnico-raciales, trabajar tres conceptos fundamentales: ascendencia, encantamiento y alteridad. Se sabe que el siglo la filosofía había sido utilizado como un medio de la colonización, lo que justifica las atrocidades cometidas en nombre de la "civilización", usurpando el conocimiento, inferiorizando latinoamericanos y africanos, especialmente negros. Descolonizar la filosofía

²⁸ Compreendemos a identidade como um "pertencimento histórico-comunitário" (PETIT; RODRIGUES, 2012, p. 239). Ou seja, seria a concepção de "identificação" oriunda de Stuart Hall (2012), em que nossa "identidade" nunca está formada, é contingente.

²⁹ Oliveira, 2007, p. 46.



implica su reformulación, donde aparece en el servicio de la ética, y el individuo es el bien mayor. Esto implica el valor a replantear lo que somos, re-conhecer / desejar el Otro e caminhar en busca de la alteridad. No es possible una filosofía sin cultura, sin oralidade, sin ascendencia. Y este es el gran organizador, y la ética como crítico en esta articulación, es " la fuente de donde se desprenden los elementos fundamentales de la tradición africana". El encanto es lo que da condiciones para que algo sea condiciones del cambio político, otras construcciones epistemológicas, es el pilar, está despierto y que impulsa una acción, es lo que da sentido. Es este encantamiento que nos califica en el mundo, con lo que la belleza en el pensamiento / haciendo con calidad, producir conocimiento con / desde los sentidos. Es esa mirada encantada que encarnaba ascendencia, dessa alteridad desea que construye filosofías descolonización que se producen .

Palabras-clave: filosofía africana; ascendência; encantamiento; alteridad; relaciones étnico-raciales.

Referências

CASTIANO, José P. **Referenciais da filosofia africana:** em busca da intersubjectivação. Moçambique. Sociedade Editorial Ndjira, Lta, 2010.

CUNHA JR, Henrique. **NTU.** Revista Espaço Acadêmico, n.108, maio, 2010.

DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia.** Tradução de Aurélio Guerra Neto. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996. V.3. (Coleção TRANS).

EZE, E. Chukwudi (Org). **Pensamiento africano:** ética y política. Barcelona: Ed. Bellaterra, 2001. Biblioteca de Estudios Africanos.

FOÉ, Nkolo. A questão do negro no mundo moderno. **Sankofa:** Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana, ano IV, n. 8, dez. 2011.

_____. **A condição negra e a condição Pós Colonial,** apresentado no IV Colóquio Internacional Saberes e Práticas: tecnologias e processos de difusão do conhecimento, 2010.

FRACCALVIERI, Bianca. Libertar-se é preciso. **Filosofia:** Ciência & Vida, ano II, n.14, 2007.

MACHADO, Adilbênia Freire. Filosofia africana e currículo: aproximações. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação,** Brasília, n.18, maio 2012. Disponível em: <http://seer.bce.unb.br/index.php/resafe/article/view/7027/5552>. Acesso em 02 de Junho de 2012.

MANCE, Euclides André. As filosofias africanas e a temática de libertação. **IFIL: Instituto de Filosofia da Libertação,** Curitiba, 1995. Disponível em: <http://www.solidarius.com.br/mance/biblioteca/africa.htm>. Acesso em 10 de Maio de 2005.

_____. **Camponesa da AACCRN** (Associação de Apoio às Comunidades do Campo do Rio Grande do Norte). Entrevista do Professor Euclides Mance, mar. 2013. Disponível em



http://www.fbes.org.br/index2.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=1787&Itemid=18. Acesso em: fev. 2014.

MAZRUI, Ali A.; AJAYI, J.F. Tendências da filosofia e da ciência na África. In: _____ (Ed.). **História geral da África, VIII: África desde 1935**. 2.ed. Brasília: Unesco, 2010.

MOORE, Carlos. **Racismo e Sociedade: novas bases epistemológicas para entender o racismo**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

NKOGO, Eugenio. **Síntesis Sistemática de La Filosofía Africana**. Barcelona, 2006.

OLIVEIRA, David Eduardo de. **Filosofia da ancestralidade: corpo e mito na filosofia da educação brasileira**. Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2007.

_____. **Cosmovisão africana no Brasil: elementos para uma filosofia afrodescendente**. Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2006.

ORUKA, H.O. Las preguntas básicas sobre la filosofía-de-los sábios en Africa. **Ver: Filosofía Univ. Costa Rica, XXXII (77)**, 7-17, 1994. Traducción de Juandiego Moya B.

_____. Grundlegende Fragen der afrikanischen “Sage-Philosophy”. In: WIMMER, F. M. (Org.). **Vier Fragen zur Philosophie in Afrika, Asien und Lateinamerika**. Wien: Passagen, p. 35-53. 1988.

RAMOSE, M.B. Sobre a Legitimidade e o Estudo da Filosofia Africana. **Ensaios Filosóficos**, V. 4. Out. 2011.

ROSA, Allan Santos da. **Imaginário, corpo e caneta: matriz afro-brasileira em educação de jovens e adultos**. São Paulo: FEUSP, 2009 (Dissertação de Mestrado). Disponível em: http://www.edicoestoro.net/attachments/059_Imagin%C3%A1rio,%20Corpo%20e%20Caneta.pdf. Acesso em: 02 jul. 2011.

SEILER, Frank-Ulrich. **A comunicação e o saber filosófico contemporâneo africanos: Estudo Exploratório de uma Epistemologia Comunicacional Africana**. Disponível em: http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/2099/1/22055_ulfp034765_tm.pdf. Acesso em: 18 dez.2010.

SOMÉ, Sobonfu. **O Espírito da intimidade: ensinamentos ancestrais africanos sobre relacionamentos**. São Paulo: Odysseus Editora, 2003.

TEMPELS, Placide. **Bantu Philosophy**. Paris: Presence Africane, 1969.